

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 635	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	—\$950	\$120	15 DE AGOSTO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Se as empresas theatraes, até durante a época de inverno, luctam para attrahir concorrência ás suas casas de espectáculo, mais difficil se lhes torna a missão por estes eternos mezes em que metade da população, e a mais rica, se acha fóra veraneando, indifferente ás phantasias dos dramaturgos, aos bonitos olhos das ingenuas, ao gorgear dos tenores e ás caretas dos baixo-comicos.

Umas fecham as portas dos theatros, onde na escuridão immensa os ratos fazem correrias, d'outras o genio inventivo suggere-lhes coisas estramboticas, que nem sempre o exito corôa. Dão-se umas por vencidas, luctam outras desesperadas. Felizes das que conseguem modificar a indifferença do publico e vencer o terrivel adversario, o formidavel calor d'estes mezes inimigos.

Vamos lá que, este anno, não teem ellas grande razão de queixa, e se o theatro D. Amelia tem tido por semanas as portas fechadas, promette em breve desforrar se, apresentando ao publico uma das mais curiosas invenções da sciencia moderna.

Lisboa já fez conhecimento com o animatographo, que, ha tempos, lhe foi apresentado no Colyseu da Rua Nova da Palma. Consta, porém, que o que a empresa do D. Amelia vae agora expôr é muitissimo mais perfeito, quer como photographias, quer como apparatus luminosos.

O animatographo consta essencialmente de uma grande serie de imagens photographicas instantaneas, algumas centenas tiradas n'um minuto, que, por meio de um apparatus semelhante ao das lanternas magicas, se vão sobrepondo n'um mesmo espaço illuminado. A retina conservando a imagem d'um quadro durante o curtissimo intervallo de tempo que medeia entre a sua apresentação e a do seguinte, em que a posição dos objectos se acha modificada pelo movimento d'ellas, não se chegam a perceber as pequenissimas falhas ou soluções de continuidade que, aliás, é dada sem esforço pela imaginação.

Para proval-o bastará desenhar n'um mesmo bocado de papel, dois pequenos bonecos, representando um d'elles um cavador com a enxada no ar e outro a mesma figura dobrada, com a enxada no chão. Pondo-os a uma certa distancia dos olhos e separando os por meio de uma folha de papel de cartas collocada convenientemente, de fórma que cada uma das figuras seja vista por um olho apenas, fechando ora o direito, ora esquerdo, ter-se-ha uma illusão completa do movimento das pequenas figurinhas. Foi esta experiencia tão simples que deu mais tarde logar aos thaumatropios, phenakisticopios e pseudoscopios, descriptos em todas as phisicas e conhecidos de todas as crianças.

O animatographo que brevemente havemos de vêr no theatro D. Amelia, causou furor no Alhambra de Londres, tão perfeitas são as photographias que apresenta, bem conservadas, nitidas e sem manchas, e tão bem dispostos se acham todos os apparatus luminosos.

Para que seja completa a illusão da vida só falta aperfeiçoar o phonographo por fórma que, ao mesmo tempo que a vista é completamente illu-

didada pela perfeição da imagem movimentada, o ouvido possa igualmente perceber os ruidos que acompanham os movimentos.

Se isso se pudesse fazer facilmente, practicamente, sempre que fosse preciso, quantas basofias, quanta peta descoberta, quanta calva á mortra, que medonhas obesidades por mentiras engulidas!

Se a descoberta houvesse sido de ha seculos, o que nós agora poderíamos vêr ainda!

Sem nos incomodarmos, com maior facilidade do que hoje, sentados n'uma livraria, folheamos um cartapacio antigo, sem esforço das nossas phan-

tasias, fumando o nosso cigarro, assistiriamos, por exemplo, á partida de Vasco da Gama para a India, veriamos fluctuar no alto mastro dos galeões a bandeira branca com a cruz vermelha, ouviriamos as canções dos que partiram e o pranto dos que ficaram, as palavras do Velho do Restello e o rumorejar das vagas na areia da praia.

Querendo episodios mais alegres, tocaríamos n'uma pequenina chave, dariamos corda a outro cylindro e tinhamos D. Quixote e Rocinante voando pelos ares, emquanto os moinhos assoviavam melancolicamente e Sancho Pança no seu burro do seu coração erguia desesperado os braços.



DR. ALEXANDRE MEYRELLES DE TAVORA DO CANTO E CASTRO

(Copia de uma photographia do sr. J. P. Toste)

Assistiríamos novamente a tudo o que fez chorar os nossos avós e o fez torcer em risos.

O livro d'ora ávante pôde ser em todas as grandes occasiões annunciadas vantajosamente substituído. Ser-nos-ha fácil assistir a todas as grandes festas, ás grandes batalhas, ás revistas, ás revoluções. Poderemos ver e ouvir os grandes tribunos, os actores, as actrizes celebres. Veremos os nossos amigos e conhecidos passeando pelas ruas entre os indifferentes que se acotovellam. Os novos de hoje ver-se-hão novos, rindo e passeando, quando já forem velhos.

Hoje, para ambicionarmos ver uma luzinha do que foi ha muitos seculos, temos de consultar alfarrabios poeirentos, fazer milhares de hypotheses, distinguir verdades e mentiras, decifrar enygmas, observar com a lupa letras apagadas, amarrelcidas, meio devoradas pela traça.

O meio, que ainda se offerencia aos de imaginação mais escaldada para reverem um dia os factos historicos que mais os impressionam, era a possibilidade de se transportarem, em poucas horas, para algum astro longinquo e de lá com poderosas lunetas astronomicas, observarem a terra.

Admittidos dois ou tres pequeninos absurdos, o que não custa nada, porque a isso andamos habituados, nada mais facil do que ver lá d'esses pequeninos astros o diluvio universal, o cerco de Troia, a morte de Cesar, a invasão dos barbaros, o frota de Colombo, a revolução de 1640, os bailes de Luiz XIV, a batalha de Waterbo e as festas antoninas.

Caminhando a luz com uma velocidade de mais de sessenta mil leguas por segundo, leva-nos ainda assim oito minutos e treze segundos para nos chegar do sol até nós. A luz das estrellas mais proximas leva mais de cinco annos para chegar á terra. Ha nebulosas em que o mais poderoso telescópio mal distingue uns pontos luminosos; esses corpos estão milhares de vezes mais longe de nós do que a estrella mais proxima; a sua luz gasta para chegar á terra milhões e milhões d'annos. Pode uma estrella apagar-se que nós, durante seculos, continuaremos a vel-a brilhar serenamente na abobada azul.

Era d'uma d'essas estrellas ou, mais commodamente, de qualquer planeta girando em torno d'ella, que seria facilissimo com o tal telescópio poderoso ainda por inventar, observar o que, ha muitos seculos se passou n'este grãozinho de areia perdido pelo espaço.

O peor é que para chegar á estrella mais proxima, ainda que llevassemos sempre a velocidade com que uma balla sai d'uma peça de artilheria, precisaríamos da bagatella de vida correspondente a cinco milhões quatrocentos e trinta e sete mil duzentos e quarenta annos.

Emquanto ao resto nada mais simples. A difficuldade está só n'isto: chegar lá e inventar o telescópio.

Mas quem sabe se outros meios não virão a descobrir-se? Hoje na sciencia o maior absurdo é duvidar.

As velocidades obtidas são cada vez maiores. Dá-se hoje a volta ao mundo em poucas duzias de dias. E quem sabe? Talvez que muito brevemente nem essas enormes velocidades sejam precisas. Não sahiremos de casa para ver o mundo, porque traremos o mundo a nossa casa.

Não está isso muito longe. O telephone já nos traz a voz das pessoas desde leguas de distancia; bastará descobrir a forma de transmittir a imagem. E então, collocados na frente do instrumento, veremos, como n'um espelho, a figura, os gestos, os movimentos, o riso, o mover dos labios e dos olhos da pessoa, cuja voz estamos ouvindo. Temol-a ali presente, viva, conversando connosco, contando-nos em Lisboa o que n'essa mesma hora se está passando em Paris, Londres, Rio de Janeiro ou Pekin.

Se nos apetece assistir a uma recita do *Tartufo* na Comédie Française ou ouvir em Beyreuth uma opera de Wagner, nada mais facil. E' só tocar uma campainha. — «Está lá?» — Prompto!

Pela mesma forma assistiremos a todas as festas. Os amigos de enterros tel-os-hão de todos os feitos, ricos, pobres e pobres parecendo ricos. Os noivos conversarão com as noivas e um mesmo professor explicará latim a todos os collegios do reino; mas o professor não dará palmoada e os noivos não trocarão beijos. Pequeninos defeitos. O progresso tem d'isto.

Mas o melhor será, quando pelo mesmo processo porque se transmitta o som e se ha de transmittir a luz, se puder enviar a todas as casas o gosto das coisas. Haverá então um concurso universal e será escolhido por todas as nações o melhor cosinheiro do mundo. Uma só perdiz assada dará perdiz assada para toda a gente; far-se-ha por dia um só prato de arroz doce, uma só trou-

xa d'ovos; dois decilitros de vinho farão andar á roda as cabeças de todos os habitantes da Europa, Asia, Africa e America; a companhia das aguas será substituída por um só copo d'agua da Sabuga, haverá de tudo para todos; será só pedir por bocca.

Dizia uma vez uma corista convidada a ceiar n'uma taberna por um amigo nosso, cujos fundos apenas chegavam para um bocado de bacalhau:

— Eu, graças a Deus, não sou nada de exquisitices. Sou mulher para tudo, desde o que ha de mais ordinario, como, por exemplo, bacalhau assado, até ao que ha de mais fino, como, por exemplo, gallinha corada.

Pois agora terá de tudo: o bacalhau e a gallinha.

Questão de mastigar um pedaço de pão com com dois aramesinhos na bocca.

Pois os agiotas não de continuar a ser tão inventivos, que ainda assim ha de haver quem tenha fome.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

DR. ALEXANDRE MEYRELLES  
DE TAVORA DO CANTO E CASTRO

Depois de 30 annos passados no arduo serviço da magistratura ultramarina, regressou a Portugal, o anno passado, o sr. dr. Alexandre Meyrelles de Tavora, um dos mais distinctos ornamentos do fóro portuguez, onde aliaz se encontram tantas capacidades de primeira ordem, tantos homens devotados ao serviço do seu paiz, obreiros incansaveis da civilisação, vivendo e trabalhando para a sua consciencia, modestamente, sem reclame, internados pelas provincias, ou desterrados nas longiquas e inhospitas possessões d'além-mar, quantas vezes esquecidos, ou tendo por premio do seu sacerdocio civilizador e util, a ingratitude.

E, no entanto, a justiça é a base de todas as sociedades, e nem estas poderão constituir se, viverem e prosperarem, se aquella lhes faltar.

Benemeritos são pois todos aquellos que, abraçando este sacerdocio, se compenetraram verdadeira e conscientemente dos deveres que elle lhe impõe, administrando na terra a justiça pelo amor da justiça, como a que vem de Deus, e assim vão civilizando os povos, livrando-os da barbaria, e o seu trabalho é tanto mais util e para agradecer quanto mais rudes forem as populações em que tiverem que exercer a sua alta missão.

O sr. dr. Alexandre de Tavora é um d'esses benemeritos; elle que expontaneamente deixou as commodidades da vida, a terra onde tinha os seus parentes e amigos, o remanso do lar, e lá se foi para longiquas paragens, obedecendo aos impulsos do seu coração e á necessidade do seu espirito vivaz e activo, tão vivo e tão activo que ainda hoje, ao tocar os setenta annos de idade, depois do melhor de trinta annos consumidos nos climas deletorios e enervantes da Asia e da Africa, volta ao continente com a mesma vivacidade com que partira.

Foi uma geração privilegiada a d'estes homens, que tiveram a embalar-lhes o berço os extremecimentos e embates das grandes luctas da primeira metade d'este seculo.

Acalentaram-se ao som dos hymnos revolucionarios que abalavam as sociedades; os echos das revoluções, que lá fóra conquistavam as liberdades politicas, vinham repercutir-se em Portugal onde o povo sacudia o jugo oppressor; vivia-se para um ideal em que se acreditava, e por elle se levavam os crentes até ao sacrificio e por isso se crearam homens de tempera que hoje quasi nos surpreendem, hoje que mal se comprehende o que foram aquellas luctas, o que foi aquella viver.

Vencedores e vencidos eram todos heroes, porque todos acreditavam nas idéas porque se batiam, e durante meio seculo não houve mancebo que não pegasse em uma arma e não tivesse o seu baptismo de fogo desde o Bussaco até Villa Franca, desde a Ilha Terceira até Evora Monte.

Então, sim, é que este paiz de heroes viveu, mas foi tão grande a lucta, abriu tão lacerantes feridas em tantos corações enlutados, devastaram-se tantos campos e derruíram-se tantos lares, que, ao deporem-se as armas, não ficou animo de as tornar a empunhar contra irmãos, e cahimos n'esta apathia e indifferença que caracteriza o viver de

hoje para as coisas da politica, dessorada, sem fé, em que as opposições são uma convenção e os accordos o *modus vivendi*.

Não era assim, não, nos tempos em que Meyrelles de Tavora viu a luz do mundo em Angra do Heroismo, no anno de 1827; e por isso seu pae, Luiz Meyrelles do Canto e Castro Paim da Camara, fidalgo cavalleiro, teve que emigrar para Inglaterra por seguir as idéas legitimistas.

Sua mãe D. Francisca de Tavora e Noronha ficou com seus filhos na ilha Terceira.

Luiz Meyrelles era quinqueneto de Francisco d'Ornellas Paim da Camara, um dos restauradores de 1640, de onde descende tambem o actual marquez da Praia e de Monforte. D. Francisca de Tavora e Noronha, descendente de um ramo dos Tavoras, que se estabeleceu na ilha Terceira quando da guerra da independencia.

Em virtude da amnistia concedida por D. Pedro IV, regressaram ao reino muitos dos exilados em Inglaterra e França, e em o numero d'estes entrou Luiz Meyrelles, que pouco tempo depois se retirou para França com a familia, onde estabeleceu residencia e educou seus filhos, no collegio do dr. José da Silva Tavares, conhecido pelo Sacra-familia, um dos primeiros estabelecimentos de educação que ao tempo existiam em França, e onde foram educados tambem muitos portuguezes illustres, como Manuel de Vasconcellos e Souza e Luiz de Vasconcellos e Souza (Castello Melhor), D. Caetano de Valença, conde de Algesur, visconde de Villar Allen, José do Canto e Castro, D. Rodrigo Delphim Pereira, Eduardo Augusto Allen, Pedro Amorim Vianna, André Meyrelles de Tavora e tantos outros.

Tendo concluido a sua primeira educação em França, voltou em 1840 á Ilha Terceira o sr. Alexandre Meyrelles de Tavora, e sentou praça em infantaria 5; de que deu baixa 10 mezes depois para ir matricular-se em direito na Universidade de Coimbra.

Entretanto a agitação em que o paiz se encontrava estabelecia um estado anormal em que, não se podia contar com o dia de amanhã para seguir uma carreira determinada. Os acontecimentos de cada dia mudavam o estado das coisas e dos espiritos, uma verdadeira febre politica, que sobretudo excitava os novos, cheios de aspirações e de crencas. Meyrelles de Tavora era dos mais entusiastas, e por isso quando uma nova revolução se levantou contra o governo de Costa Cabral, elle foi dos primeiros a alistar-se no batalhão dos empregados, depois caçadores 6, e bateu-se no Alto do Vizo.

Foi em 1849 que se matriculou na Universidade de Coimbra na faculdade de philosophia, e passando, em 1851, á cadeira de direito, concluiu o curso em 1854. O seu curso foi dos mais distinctos, e se não teve premios foi por causa dos perdes d'actos que houve n'aquelles primeiros annos.

Em 1856 defendeu these dissertando sobre o systema eleitoral que mais convinha, pronunciando-se a favor da eleição indirecta, contra a opinião auctorizada de Rodrigo da Fonseca Magalhães e dr. Basilio, que não obstante fizeram justiça ao sr. dr. Tavora, não regatiando elogios á forma brilhante com que elle manteve as suas idéas. Sustentou ainda outras theses de que citaremos: *Soberania é a justiça social, formulada pela razão e sancionada pela força; Regeitamos o artigo 39.º da Carta Constitucional*, que estabelece a hereditariedade do patriato.

Mas se foi distincta na Universidade a carreira do sr. dr. Tavora, não o foi menos na imprensa, onde, por 1859, escreveu na *Revolução de Setembro*, sendo muito apreciados os seus artigos sobre direito publico constitucional. No Porto resuscitou o *Echo Popular*, orgão do partido historico e ali combateu o governo ao lado do grande Passos Manuel.

Por 1860 abandonou a vida activa do jornalismo e foi aos concursos da Universidade onde alcançou approvação em merito absoluto e regeu a cadeira de direito temporariamente, no impedimento do lente proprietario.

O seu espirito irrequieto e activo não se limitou, porém, ao exercicio do magisterio e procurou novos horisontes por onde se espraiasse. Para isso o sr. dr. Tavora concorreu ao logar de juiz de direito em Benguella e foi classificado em primeiro logar, mas a politica metteu-se de premeio e o sr. dr. Tavora foi preterido por um outro candidato menos classificado. Não o desanimou, porém esta contrariedade, porque estava no firme proposito de ir para o ultramar e assim, foi ao concurso de delegado e obteve a primeira classificação, sendo despachado para Timor.

E' importante a sua missão n'aquella possessão portugueza, que encontrou em completa anarchia. As notas que temos presentes e que estamos

segundo, dizem que em Dilly uma soldadesca desenfrada, composta de ladrões e assassinos que havia roubado os cofres publicos e assassinado o alferes Alexandre de Castro, enchia de terror a capital d'aquella ilha. O sr. dr. Tavora não hesitou um momento sequer, ainda que pondo em risco a sua vida, e tratou logo de promover a accusação d'aquelle bando de criminosos que foram pronunciados pelo integerrimo juiz Rocha Barros.

De Timor foi transferido para Macau, em 1866 e ali travou lucta energica contra os abusos e crimes praticados com a emigração chinesa, no que bem affirmou o seu coração humanitário.

No anno seguinte (1867) foi nomeado juiz de direito para a comarca de Quelimane, d'onde passou, pouco depois, para a 2.ª vara da comarca de Loanda. Em 1870 foi collocado na comarca de Benguella e Mossamedes, para que havia feito concurso, em 1864, como disse mos, e fôra preterido.

São importantes os seus serviços n'esta comarca, especialmente na preseguição que moveu ao degredado José Ramos chefe de uma quadrilha de salteadores que assolava aquelle districto. O criminoso sabendo que estava pronunciado, fugiu jurando vingança do juiz que lhe movia o processo, mas de nada lhe valeu a fuga nem as ameaças, porque o sr. dr. Tavora, reclamando o auxilio do governador Pereira Crespo, internou-se pelo sertão com uma força armada, sob o commando do alferes J. Antonio dos Santos e deu caça ao celebre salteador que foi surprehendido e fusilado, com o que livrou a provincia d'aquelle famigerado bandido.

Este relevante serviço valeu ao sr. dr. Tavora a commenda militar da Conceição com que o governo de Sua Magestade houve por bem agraciá-lo.

Em 1872 foi nomeado procurador da corôa e da fazenda junto á relação de Loanda, cargo de que pediu a exoneração para passar ao de juiz da 1.ª vara na mesma comarca, que exerceu até 1874, anno em que concluiu o tempo de commissão como juiz do ultramar.

Voltando ao reino exerceu a magistratura nas comarcas da Povoação de Varzim, Idanha a Nova e Mangualde até 1880 deixando boa memoria de si n'aquelles povos. N'este anno concorreu ao concurso aberto para juiz da relação de Gôa e foi classificado em primeiro lugar por unanimidade, partindo immediatamente para a India, onde, pela sua honradez, rectidão e justiça conquistou a sympathia e respeito de todos e prestou bons serviços no desempenho da sua espinhosa missão de magistrado.

Ali passou uma boa parte da sua vida e voltando ao reino em 1895, foi collocado na relação de Lisboa.

Jornalista por indole, tem fundado e collaborado varios jornaes e revistas, como a *Revolução de Setembro*, *Echo Popular*, *Revista Academica*, *Instituto de Coimbra*, *O Tribuna*, *O Diario Commercial*, *União dos Açores*, no *Tassion Kong* de Macau e *Correio do Sul* de Loanda, etc. Ultimamente tem honrado as paginas do *Occidente* com a sua collaboração.

Outras publicações tem feito o sr. dr. Tavora, de que citaremos uma carta dirigida ao visconde de Sá da Bandeira, sobre a abolição da escravatura no ultramar, declarando-se abolicionista; *Biographia do vice-almirante José Joaquim Alves*, tornando publicos os importantes serviços prestados ao paiz por este benemerito official, com o que conseguiu obter uma pensão para suas filhas; *Biographia do conselheiro José Silvestre Ribeiro*, que foi justamente apreciada pela imprensa; *A Liga Açoriana*, em que defende energicamente a conservação da Relação dos Açores, que o sr. conselheiro José Dias Ferreira, presidente do conselho em 1892, pretendia extinguir; *O projecto do caminho de ferro de Ambaca*, por elle apresentado na imprensa muito antes da propaganda iniciada em favor d'este melhoramento ultramarino, etc.

Tendo fallado do patriota, do magistrado e do publicista, resta fallar do orador, porque o sr. dr. Tavora tambem possui dotes oratorios de primeira ordem. A sua palavra elegante e fluente tem-se feito ouvir em muitas assembléas e reuniões festivas, enlevando sempre o auditorio. Sobre este ponto citaremos um facto altamente honroso, em que a sua palavra teve grande influencia. Foi em 1858. Fontes Pereira de Mello havia perdido a sua eleição em Lisboa e recorreu para os Açores. O sr. dr. Tavora, a pedido de Joaquim Antonio de Aguiar, interessa-se pelo candidato Fontes, e, nas vésperas das eleições, percorre diferentes ilhas, em barcos de pesca, e discursa áquelles povos e convence-os com a sua palavra ardente e prestigiosa a votarem com elle em Fontes Pereira de Mello, vencendo a eleição.

Não são vulgares estes triumphos pela palavra, e só prova a valia do orador.

Dos escassos apontamentos que obtivemos, é o que pudemos apurar, restando, sem duvida, muito que dizer, mas faltam-nos elementos além da competencia para fallarmos de tão benemerito cidadão.

## ILHA DA TRINDADE

Um conflicto diplomatico levantado entre a Republica dos Estados Unidos do Brazil e a Inglaterra veio tornar fallada a ilha da Trindade pequeno ponto de terra destacado no meio do Oceano Atlantico do Sul, meio esquecido até agora, a não ser dos inglezes que desde 1815 a tem occupado com uma pequena força militar.

Esta occupação, porém, era de facto mas não de direito. A revolta do Rio de Janeiro de 1894 que terminou pela emigração de uma boa parte dos revoltosos, que se acolheram á protecção dos navios de guerra portuguezes, *Afonso de Albuquerque* e *Mindello*, que se achavam nas aguas do Guanabarra e os conduziram a Buenos-Ayres e d'ali, embarcando n'um vapor — *Pedro Terceiro* — fretado pelo governo portuguez, passaram á ilha da Ascensão ou da Trindade, onde os foi buscar o vapor Angola, que os trouxe a Lisboa, chamou a attenção do governo da republica sobre esta ilha que, achando-se proxima da costa do Brazil e da provincia do Espirito Santo, se encontrava, como dissemos, occupada por inglezes.

Para reivindicar a posse da ilha trocaram-se notas entre o governo do Brazil e o gabinete de S. James, mas a Inglaterra, allegando a sua occupação de mais de meio seculo, não se mostrou disposta a ceder, chegando as relações diplomaticas entre as duas potencias a uma forte tensão aggravada ainda pelas discussões que sobre este conflicto se levantaram no parlamento e na imprensa brasileira.

N'estas circumstancias recorreu-se á arbitragem, que foi regeitada pelo Brazil, e então Portugal offerceu os seus bons officios para ser o mediano entre as duas potencias e decidir de que parte estava o direito. Este offercimento foi bem accete tanto por parte do governo da republica como pela do governo inglez.

Era melindrosa a questão como bem se comprehende pelo que ficou dito, porque, se de um lado estava o direito do Brazil á ilha da Trindade visto ella se encontrar nas proximidades da sua costa e dentro dos seus mares, por outro lado era certo que o Brazil nunca tinha feito caso d'ella nem os portuguezes, que a descobriram, nos principios do seculo xvi, e os inglezes tinham uma occupação quasi secular.

A questão foi examinada e estudada escrupulosa e conscienciosamente pelo digno ministro dos estrangeiros sr. Luiz Soveral e as negociações entabuladas entre o governo portuguez e o gabinete de S. James, foram conduzidas de modo que o governo inglez cavalheiramente reconheceu os direitos do Brazil e a questão terminou favoravelmente para a diplomacia portugueza, sem quebra de dignidade para nenhuma das partes.

Raras vezes a diplomacia tem alcançado d'estes triumphos e por isso tanto maior é a gloria que cabe ao sr. Luiz Soveral, que n'esta questão affirmou de modo indubitavel os seus dotes de diplomata, tendo que sustentar lucta com a diplomacia ingleza.

\* \* \*

A ilha da Trindade, tambem conhecida nas cartas geographicas pelo nome de Ascensão, encontra-se no Oceano Atlantico do Sul 1:000 kilometros a S. O. do Cabo das Palmas (costa da Guiné); 2:335 kilometros a E. do Cabo de S. Roque, na costa do Brazil; 1:335 kilometros a N. O. da ilha de Santa Helena; entre 7°54'30" a 8° latitude S. 16°37' a 16°54'50" longitude O. de Paris. A ilha é de forma alongada, medindo de comprimento cerca de 14 kilometros. Foi seu descobridor, segundo uns geographos, o piloto portuguez João da Nova, em 1501, que seguindo para a Costa Oriental da Africa com uma esquadra de tres naus e um cavaleão, ali passou, indo commandando estes navios, além d'elle, os pilotos Diogo Barboza, Francisco de Novaes e Fernão Vineti, italiano ao serviço de Bartholomeu Marchioni, armador genovez estabelecido em Lisboa, de quem era uma das naus. Outros geographos attribuem a descoberta da ilha da Trindade á esquadra de D. Afonso de Albuquerque no regresso da India, em 1503.

Entretanto os portuguezes nunca occuparam esta ilha, muito accidentada de montanhas, sem população indigena e apenas tem tido ali um pe-

queno destacamento de força militar ingleza, que se rende cada trez mezes, e serve de estação para alguns navios que vão fazer aguada.

A origem da occupação ingleza provém de ter dado á costa n'esta ilha, em 1701, um navio inglez denominado *Rosbach*, commandado por Dampier, o qual, salvando-se com a tripulação, percorreu com esta a ilha em busca de agua potavel, que só encontrou nas Montanhas Verdes. Estiveram ali os naufragos algum tempo até que um outro navio inglez passou e os recolheu, conduzindo-os a Inglaterra.

Este facto foi considerado pelos inglezes como posse tomada e assim foi declarado officialmente, e trataram de fazer ali deposito de carvão, assim como encanaram as aguas das Montanhas Verdes para aguada dos navios que aportassem á bahia de Clarence ou Sandy Bay, na costa N. O., unico ancoradouro da ilha.

Tambem ali se construiu ha poucos annos um sanatorio á altitude de 600 metros, para os soldados convalescentes que veem da costa da Guiné.

Agora parece que a Inglaterra queria aproveitar a ilha da Trindade para ligação do cabo telegraphico trasatlantico para cujo fim está muito bem situada.

E' provavel que querendo levar por diante este intento, a Inglaterra entre em novas negociações com o Brazil.

Entretanto o seu a seu dono, e se nos applaudimos pelo bom resultado da mediação portugueza, não menos felicitamos os nossos irmãos do Brazil pela justiça que lhes foi feita.

## MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

### TRANSPORTE «PERO D'ALEMQUER» NAVIO-ESCOLA PEDRO NUNES

A marinha de guerra portugueza foi ultimamente augmentada com dois navios: o transporte *Pero d'Alemquer* e o navio-escola *Pedro Nunes*.

O *Pero d'Alemquer* foi mandado construir, em Inglaterra, pelo governo portuguez, e é um bello barco de vella pois que, na viagem que fez de Plymouth a Lisboa deitou 15 milhas por hora, andamento mais que regular para um barco a vapor e verdadeiramente excepcional para um navio de vella. N'esta viagem transportou 1:200 toneladas de carvão.

O *Pero d'Alemquer* vae sahir brevemente para a India pela Africa Oriental, transportando material de guerra, as lanchas a vapor *Diogo Cão* e *Pedro Annaya* offercidas pela commissão da Subscrição Nacional, para serviço das nossas colonias, mantimentos, etc.

O *Pedro Nunes* é um barco já com uso, pois foi construido em Aberdeen, nos estaleiros dos srs. Walter Hood & C.ª para os srs. George Thompson & C.ª em 1868. E' de systema composto, construido de ferro e teca, com 947 toneladas, medindo 70<sup>m</sup>, de comprimento, 12<sup>m</sup> de bocca e 7<sup>m</sup> de pontal.

O governo portuguez comprou-o por 1:800 libras, na praça de Leith, Cherburg.

Na viagem que fez para Lisboa deitou 12 milhas por hora, o que é um andamento magnifico.

Este navio destina-se a escola de guardas-marinhas para o que tem as condições necessarias, armando em barca.

## PUREZA DE COSTUMES

N'aquelles tempos de costumes simples do alvorecer das grandes civilizações, os affectos eram tão puros e sentidos como as emoções sinceras que então se experimentavam.

O cerebro e o coração igualmente impressionaveis, foram-se distanciando até que um se tornou independente do outro.

Já na velha phylosophia, se ensinava que o cerebro, estando collocado pela sabia natureza acima do coração era obrigado a dominá-lo. E parece que os sabios metaphysicos o conseguiram porque hoje, em épocas em que o positivismo campeia com todas as suas lacunas, a antinomia com o coração lançada no espirito humano é evidente.

Até na doce attração dos seres, o materialismo reforçou esse apartamento do espirito e dos affectos, e n'esta constante dissolução de uma unidade deveras desejavel, se estiolam mil grandezas para a humanidade. Quantas ideias sublimes que immortalizaram nomes quasi divinos foram inspirados pelo coração. Os poemas celebres e mil outras manifestações da arte n'essa conjunção do espirito e do sentimento tiveram a sua origem.

## A QUESTÃO DA ILHA DA TRINDADE



CONSELHEIRO LUIZ DO SOVERAL

MINISTRO DOS NEGÓCIOS EXTRANJEIROS DE PORTUGAL

à igreja de St. Estevão de Alemquer; mas hoje está profanada, e a sua parochial faz parte da de Santa Quiteria de Meca.

O edificio em si nada tem de notavel. Parece ter sido reedificado em tempos comparativamente modernos, ficando a obra por concluir. Não tardará a cair em ruínas, porque está completamente abandonado, e é pena que, antes de assim acontecer, se não recolha para logar mais seguro o unico objecto de interesse que encerra, que é o sarcophago de que apresentamos a gravura, cujo original devemos á solicitude do ex.<sup>mo</sup> sr. commendador Antonio Maximo Lopes de Carvalho, incansavel e erudito investigador da historia do concelho de Alemquer, onde vive e d'onde é natural, e zeloso promotor da conservação dos seus monumentos historicos.

O epitaphio lavrado na frente do tumulo danos o nome e a cathegoria do cavalleiro effigiado na tampa d'elle nas seguintes palavras:

*Sepultura de Fr. João Boto Pimentel, da Ordem de S. João Baptista, Commendador de Tabora e Aboim, e de Santarem, e de Nossa Senhora da Portella de Veç, e de S. João de Valadares. O qual falleceu no anno de 1613, a 8 de Fevereiro.*

Quanto ao brazão, vemos no escudo as cinco vieiras de prata, postas em santor, que, em campo verde, são as armas dos Pimenteis; mas as fachas não podemos interpretar pela falta de indicação da côr.

Recorrendo ás genealogias achamos que Ruy

Boto, o chanceller de D. João II, e o celebre reformador dos foraes no reinado seguinte, teve nove filhos da sua mulher, D. Mecia Machado, filha de Pedro Machado Carregueiro, desembargador de el-rei D. Affonso V, e da sua mulher, D. Branca Coelho. D'estes nove filhos o quarto foi:

*Pero Boto Machado*, que, succedendo ao pae na casa, casou com senhora cujo nome não sabemos, e teve d'ella sete filhos conhecidos, afora outras que, por se fazerem freiras, não deixaram memoria. Entre elles a quarta foi:

*D. Brites Boto*, que casou com *Luiz de Meirelles Pimentel*, filho de Diogo Fernandes de Meirelles Pimentel, porteiro da camara d'el-rei D. Manuel, e de D. Filippa de Avellar, filha de João de Avellar; neto de Pero Fernandes Pimentel e de D. Maria Borges, filha de Diogo Fernandes Borges, Senhor da Torre de Moncorvo; bisneto de Diogo Fernandes Pimentel, que era da mesma familia, como João Affonso Pimentel, Senhor de Bragança.

De D. Brites e seu marido nasceram:

1.<sup>o</sup> — *Pero Boto de Meirelles*, que morreu na India sem deixar successão;

2.<sup>o</sup> — *Diogo de Meirelles Boto*, tambem sem geração;

3.<sup>o</sup> — *Antonio Boto Pimentel*;

4.<sup>o</sup> — *João Boto Pimentel*, maltez;

5.<sup>o</sup> — *D. Luiza Boto Pimentel*;

6.<sup>o</sup> — *D. Ignez Boto*, freira em Evora.

D'estes, o quarto, João Boto Pimentel, é o cavalleiro cujos restos mortaes estão ou estiveram no sarcophago. Nos poucos papeis da Ordem de Malta que existem no Archivo Nacional, nada ha da epocha d'elle, e nos mais documentos d'aquel-

Travessuras ou incitações de cupido, assim o artista auctor do nosso quadro o intitulou. Pureza de costumes é o que elle synthetiza. O jovem pastor beija apaixonado os cabellos da sua querida, que lhe resiste docemente. Cupido incita os dois amantes com o seu olhar travesso.

Allegoria para todos os tempos. A simplicidade dos costumes casa-se tão bem a mocidade e com a belleza, que a scena é bella, verdadeira, sentida e ha de sel-o eternamente; pelo menos emquanto houver sobre a terra dois corações jovens, puros, apaixonados.

## FR. JOÃO BOTO PIMENTEL

A uns quatro kilometros para noroeste da villa de Alemquer, e á beira do lanco da estrada, ainda por acabar, que devia ligar a estrada de Alemquer a Runa com a de Aldêa Gallega da Merceana ao Sobral do Monte Agraço, no sitio da Curujeira, ergue-se a pequena igreja de S. Sebastião da Espeçandeira, no logar do mesmo nome. Foi, outr'ora, a parochial de um curato annexo



A ILHA DA TRINDADE

## MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA



O TRANSPORTE DE GUERRA «PERO D'ALEMQUER»



NAVIO-ESCOLA DE GUARDAS MARINHAS «PEDRO NUNES»



PUREZA DE COSTUMES

le riquissimo repositório nada achamos que lhe diga respeito; mas nos cartórios locais o seu nome encontra-se por varias vezes, assim como o do seu irmão Antonio e o da irmã D. Luiza; porque esta tinha casa e bens no lugar da Espeçandeira, onde parece que hospedava os irmãos, e onde falleceu em julho de 1612, tendo instituido capellas

Já em 1589, João Boto Pimentel era commendador na sua Ordem; e d'esse anno em diante encontramol o sempre acompanhado de um cavalleiro da mesma Ordem, Antonio Coesma, um capellão, o padre João Teixeira, e dois creados.

De todos os irmãos, o unico que parece ter deixado successão é Antonio Boto Pimentel, tambem commendador da Ordem de Malta, que tinha casa em Pontevel, e casou com Maria Borges, filha de Vasco Martins Leitão (que teve tambem um filho, André Leitão) e de D. Izabel Penteadado, dos Penteados de Aldêgavinha, no termo de Alemquer.

De Antonio Boto de Pimentel houve um filho, Manuel Boto de Pimentel, que casou com D. Juliana... e teve um filho, Leonel Xira, que succedeu nos vinculos instituidos por D. Luiza Boto, dos quaes o ultimo administrador de que temos noticia, foi o ex.<sup>mo</sup> sr. Augusto Boto Pimentel de Mendonça, que, em 1866, morava em S. Domingos de Garmões, termo de Torres Vedras.

No corpo da igreja ha mais sepulturas da mesma familia.

Guilherme J. C. Henriques.

## PORTUGAL EM 1760

*Cartas Familiares  
de José Baretti, traducidas do italiano*

XVIII

Arraiolos, 19 de setembro de 1760

Escrevo, *fratre dilectissimi*, n'uma mesa que balança, sentado n'um môcho, sobre o qual a rainha Lanfusa deu á luz Ferrau. Oh quando me verei para fóra d'este Portugal! Não faltava senão que n'estes desertos, como nos dos romances, houvesse aventuras amorosas! Ora, ouvi uma. Esta manhã em Vendas Novas tive que haver-me com dois cavalleiros por amor de uma bella. Ainda não tinha levantado o corpo fatigado de cima do meu benemerito colchão, quando me entrou no quarto, isto é, na minha espelunca, uma fêmea suja, que hontem, á força de me importunar, me levou das algibeiras, uma por uma, algumas moedas de prata; a saber, uma para o seu pequeno, outra para a sua pequena, e depois ainda outra para outro seu pequeno. Apenas a vi deante de mim, adivinhei o que ella me queria, e por isso lhe disse com modos irados: *Tendes mais pequenos, e mais pequenas, cara de desvergonhada?* Mal tinha proferido aquella expressão — *cara de desvergonhada* que a porca, olvidando com ingratitude a minha repetida liberalidade da vespera, e enfurecendo-se de ouvir dizer a verdade, como se fosse oriunda de estirpe principesca, começou a injuriar-me que parecia endemoninhada. Aos gritos d'ella acudiram dois corpulentos maraus, de pés descalços, e, ouvindo da boca da senhora que eu lhe chamara com muito pouco respeito *cara de desvergonhada*, reviraram-me os olhos; e n'isto, querendo principiar a esbravejar e a dizer-me vituperios, chegando um d'elles a levar a mão ao bolso, como para tirar uma faca, vi-me obrigado a agarrar de uma pistola pequena, á vista da qual, e ao estalido que fez o cão, os dois mariolas e a tal mulher se foram com risco de quebrarem a cabeça pela estreita e empinada escada abaixo. O fanfarrão do meu Baptista, accorrendo á bulha com o espadim desembainhado, guardou-me as costas para sahir na caleça, de sorte que me vi fóra da estalagem antes que aquelles heroes tivessem tempo de se recobrar do medo. Jantámos em Montemor, que fica a quatro leguas de Vendas Novas, onde o padre dominico, que viera conosco desde Aldeia Gallega, nos deixou para ir para outra parte. Separámos-nos com muitos recíprocos e ceremoniosos offercimentos, porque elle estava contente de ter sido pelo caminho convidado a participar das nossas comidas á ingleza, e eu estava satisfeito d'ella na aventura amorosa d'esta manhã, por ter querido ser o ultimo a entrar na caleça, afim de impedir que nenhum dos habitantes de Vendas Novas fizesse tumulto atraz de nós. Viemos passar a noite aqui em Arraiolos. Que lindos nomes polysyllabos tem estas miseraveis aldeias portuguezas! Aldeia Gallega, Pegões, Vendas Novas, Arraiolos! Quem acreditaria que se dessem tão bellos nomes a cousas tão ruins! Ao aparmos da caleça, achámos a estalagem tão

detestavel que mandei o Baptista vêr se podia induzir o padre guardião de um convento proximo a dar-nos duas camas, offerendo-lhe vinte missas pelas almas do purgatorio, mas sua reverendissima não quiz albergar debaixo do seu santo tecto *dois herejes inglezes*. O tolo do Baptista cuidou que seria vantajoso para mim dizer elle que eramos dois fidalgos de Inglaterra, porém a vantagem foi que fiquei para aquelle frade com a fama de heretico. Ainda mandei ao prior para o mover á piedade, mas o bom do homem mostrou ao Baptista o seu acanhadissimo tegurio para o convencer de que lhe não era possivel fazer-nos a vontade; e, não satisfeito de tão bello acto de cortezia, poz um capote ás costas para affrontar a chuva que começava a cair com força, e foi ensinar-lhe outra estalagem que tinha sobrado e tecto, cousas que ambas faltavam áquella onde tinhámos desido; e para lá fiz transportar immediatamente a nossa bagagem, depois de uma demorada altercação com o estalajadeiro, que se houve por deshonrado com a preferencia que davamos a um seu rival, e foi necessario pagar-lhe muito bem pelo incommodo que teve de nos havermos apeado defronte do seu nobre albergue. Tendo comido alguma cousa na estalagem nova, puz-me a rabis-car estas poucas linhas; e bom foi o ter-me deliberado a fazer isto todas as noites, porque d'este modo se me vae depressa o aborrecimento, e desafogo algum tanto a colera que me rala de me haver deixado lograr pela minha curiosidade, e de ter vindo viajar n'estas regiões barbaras e desertas. De Vendas Novas para cá o terreno não é já tão plano como de Aldeia Gallega até Vendas Novas; comtudo, não pode ainda chamar-se montanhoso. A alguma distancia da estrada avistam-se pequenas collinas com algumas plantas, e a villa de Montemor occupa o espaço de meia milha com as casas todas caídas por fóra; mas, pelo que pude perceber ao approximar-me d'ella, todas essas casas são habitadas por gente pobre, nem lá vi um rosto indicativo de bem-estar. Em Montemor o terremoto não causou grande damno; porém, se a tivesse derrocado, poucas seriam as casas de primeiro andar que viessem a terra, porque a villa de Montemor é edificada ao gosto chinês, isto é, só com o pavimento terreo. Por estar a chover, não vi Arraiolos; mas, se amanhã percorrer alguma parte da povoação, amanhã á noite o sabereis. Entretanto adeus.

P. S. e ainda de Arraiolos, ás quatro da manhã de 20 de setembro. — O objecto principal dos meus pensamentos, quando eu andava namorado, já lá vão tantos annos, parece-me ter sido Chloris, Phyllis ou Amaryllis, ou outra sirigaíta como ellas. E recordo-me de que n'aquelles annos venturosos escrevia versos n'um estylo, por assim dizer, entre o de Petrarca e o de Zappi, capaz de amollecere o pedestal de uma columna de ordem toscana. Mas que versos poderiam abrandar aquelles colchões em que passei estas cinco ou seis horas de véla? Que peccado gravissimo commetti para andar por estes caminhos, por estas Aldeias Gallegas, por estas Vendas Novas, por estes Arraiolos? Quando, hontem á noite, com o auxilio d'aquelle bom prior, vim parar a esta estalagem, menos má do que a outra, consolei-me de vêr um montão de dez ou doze colchões; e ordenei logo ao Baptista que não pensasse no meu colchão, e preparasse um unguento para a minha espinha triturada com quatro dos ditos colchões. E, quando todos quatro foram collocados uns em cima dos outros, e os nossos proprios lençoes estendidos por cima d'elles, despi-me mais depressa do que Rogerio quando desceu do hippogrypho no Prado com a rainha do Catai, depois de a ter libertado do monstro nas ilhas de Ebuda. Mas, oh desgraça infinita, infanda, immensa, immensissima! Os quatro colchões, graças á lá de carneiro ou antes ao pêlo de burro que lhe haviam mettido dentro em fórma de balas de espingarda, formaram um composto tão duro e tão escabroso debaixo do meu corpo que nenhum penitente no deserto teve um leito mais empedrenido que o meu. Oh colchão, colchão! torno a exclamar com Colombina. Ai de mim! Não ter outro remedio de aqui por deante senão recorrer sempre a ti, e adular-te e amimar-te e prometter-te amor e fidelidade para que nunca me desampares. Basta; d'aqui por deante o colchão será a melhor personagem d'esta comedia, agora que estou sciente do que são estes colchões traiçoeiros. Mas dom caleceiro grita que quer partir, e os machos saccodem as campainhas, e por isso, amaldicoando aqui para nós as estalagens de Arraiolos, vos faço, bons irmãos, os meus humilissimos cumprimentos.

Alberto Telles.

## CAPITULOS INEDITOS

DA

### CHRONICA DE D. AFFONSO HENRIQUES

POR DUARTE GALVÃO

(Concluido do numero 633)

#### CAPITULO XXIII

*Como o Papa mandou um cardeal a D. Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe e sobre o bispo que elle fizera, e do que entre elles se passou em Coimbra.*

Quando as novas chegaram ao Santo Padre de como el-rei D. Affonso Henriques não queria obedecer a suas cartas e mandados para soltar sua mãe, e fizera assim aquelle bispo da maneira que se disse, o Santo Padre e toda a côrte teve que elle era herege e propozeram de lhe enviar um cardeal que o ensinasse e mostrasse a fé e corrigisse de quaesquer erros que tivesse, o qual veio pelas côrtes dos reis de Hespanha, que sahiam a receber-o mui honradamente. E vindo já o cardeal perto de Coimbra, onde el-rei estava vieram alguns fidalgos a el rei e disseram-lhe: — Senhor, aqui vos vem um cardeal de Roma por estardes em desprazer e descontentamento do Papa por este bispo que fizestes. — Disse el-rei: — Ainda me não arrependo. — Elles proseguindo mais ávante pela nova do cardeal, disseram: — Senhor, todos os reis por cujas terras vem, segundo se diz, lhe fazem quanta honra pôdem e provam para lhe beijarem a mão. — Não sei cardeal nem Papa que a Coimbra viesse e me estendesse a mão para lh'a beijar em minha casa, que lhe eu não cortasse o braço pelo cotovello com esta espada, e d'isto não podia escapar.

Estas palavras soube o cardeal em chegando a Coimbra e tomou grande receio, e el-rei não quiz sahir fóra a receber-o, o que logo o cardeal teve a mau signal e portanto em chegando se foi direito a Alcaçova onde el-rei passava. Alli o recebeu el rei muito bem e disse-lhe: — Pois cardeal, a que viestes a esta terra, ou que riquezas me trazeis de Roma para estas hostes que tão a miudo faço de dia e de noite contra mouros? Dom cardeal, amigo, se vós por ventura me trazeis algo que me dês, dai mo, e se me não trazeis nada, tornai vossa via. — Senhor, disse o cardeal, eu sou vindo a vós da parte do Santo Padre para vos ensinar a fé de Christo. — Respondeu então el-rei: — Certo assim temos nós outros cá bons da fé n'esta terra, como vós lá em Roma e portanto bem sabemos como o Filho de Deus encarnou na Virgem Maria e d'ella nasceu, e isto por obra do Espirito Santo, e como morreu na Cruz por remir a geração humana e descendeu dos infernos, e ao terceiro dia resurgiu não mortal, e que o Padre e o Filho e o Espirito Santo são Tres Pessoas realmente distinctas em uma só essencia. Esta fé temos e crêmos firmemente tão bem como vós lá em Roma; pelo qual não havemos por agora mister de vós outra doutrina nem ensino. Mas dêem-vos agora essas cousas que houverdes mister, e de manhã, se Deus quizer, eu e vós falaremos.

Foi-se então o cardeal para a pousada, e mandou logo pôr cevada ás bestas, e tanto que foi meia noite mandou chamar todos os clérigos da cidade e excommungou a cidade e todo o reino, e cavalgou e foi-se da guisa que ante manhã andou duas leguas.

#### CAPITULO XXIV

*Como el-rei D. Affonso Henriques sabendo a partida do cardeal, escondida, cavalgou apóz elle e do que depois de alcançado com elle se passou.*

Levantou-se el-rei ao outro dia pela manhã e disse a seus cavalleiros: — Vamos vêr o cardeal. — Disseram elles: — Senhor, ante manhã se foi d'aqui e deixou excommungado a vós e a toda vossa terra. — Disse assim el-rei: — Sellem-me á pressa tal cavallo, e cingiu sua espada e cavalgou a grande pressa quanto pôde apóz elle. Seguiam-o todos, mas elle, segundo era melancolico, não quiz esperar por ninguem e foi alcançar o cardeal em um lugar que chamam a Vimieira a par de Poiars, caminho da Beira, e como chegou a elle lançou-lhe mão do cabeção e com a outra tirou a espada e alçou o braço com ella, dizendo: Dá a cabeça, traidor, — querendo-lh'a cortar. Disseram quatro cavalleiros, que ahi chegaram com elle: — Senhor, por mercê não queiraes tal fa-

## POESIAS DIVERSAS

## TEXTO

## AL INVIERNO

Vuelven contigo los trabajos duros,  
Lluvias y nieblas y furiosos vientos;  
El hambre acrecerás de los hambrientos,  
Y el rigido temblor de los desnudos.

Blancas las sierras y los campos mudos  
Reflejarán tus astros macilentos,  
Y en los mares del Polo, turbulentos,  
Se erizarán los témpanos agudos.

No me causas temor, Invierno helado:  
Lúgubre huesped de mi hogar vacío,  
A mi puerta la muerte se ha sentado.

Mi madre fué robada al amor mio!  
Invierno del dolor, me has visitado!  
Tu sí, que erés Invierno y triste, y frío.

D. José de Velilla.

## VERSIONE

## ALL' INVERNO

Vien teco, o Inverno, quanto ci molesta,  
E piogge, e nebbie, ed infuriar di venti;  
L'orrida fame nei tapini aumenti,  
Ghiacci le membra che mal copre vesta.

Muti i campi e dei monti l'alba cresta  
Rifletterán gli astri tuoi macilenti,  
E, agitato da turbini possenti,  
Il mar del Polo ruggirá in tempesta.

Ah! non ti temo, no, Inverno gelato:  
Ospite infausta dell' ostel natio  
Sedé la Morte di mia porta a lato.

Mia madre fu rubata all' amor mio!  
Inverno del dolor, mi hai visitato!  
Tu sí, fosti un Inverno e freddo e rio.

Prospero Peragallo.

zer, que se matardes este cardeal cuidarão de todo em todo que sois herége. — Disse então el-rei: — Por essa palavra que ora dissestes, vós lhe daes a cabeça: mas, pois assim é, disse el-rei Dom cardeal, ou vós desfazeis quanto fizestes, ou cá vos ficará todavia a cabeça. — Senhor, disse o cardeal, não me queiraes fazer mal e toda a cousa que vós quizerdes eu a farei de boa mente. — O que eu quero que vós façaes, disse el-rei, é que descommungueis quantos excommungastes e que não leveis d'aqui ouro, nem prata, nem béstas, senão tres que vos abastarão, e mais que me envieis uma letra de Roma que nunca eu nem Portugal em meus dias seja excommungado, que eu o ganhei com esta minha espada. E isto quero de vós por agora, e porém vós deixareis aqui este vosso sobrinho, filho de vossa irmã, em prenda até que a letra venha, e se ella até quatro mezes aqui não fôr, que eu lhe corte a cabeça.

A tudo disse o cardeal que lhe aprazia e assim ficou de fazer. Então lhe tomou el-rei quanta prata e ouro lhe achou e béstas, e não lhe deixando mais de tres que levasse e disse lhe: — Ora Dom cardeal, ide-vos ahí vosso caminho, que este é o serviço que eu de vós quero e todavia venha a letra. — E isto acabado, antes que o cardeal partisse, tirou el-rei a capa pelle e despiu-se todo e mostrou muitos signaes de feridas que tinha pelo corpo e disse: — Cardeal como eu sou herege bem se mostra por estes signaes, que eu houve estas em tal peleja e tal, e estas em tal cidade ou villa que tomei, e todas por serviço de Deus contra os inimigos da nossa fé; e para isto levar adiante vos tomo este ouro e prata, porque estou muito minguado e me faz mister para mim e para os meus. — Foi-se então o cardeal, e el rei tornou-se a Coimbra. Por estas muitas feridas que el-rei assim mostrou ao cardeal, se pôde conhecer quanto maiores foram seus feitos e valentia do que se acham escriptos, porque em nenhum caso faz a historia menção que fosse ferido, nem uma só vez de tantos, nem em que lugar.

Mandou el-rei logo um escudeiro á côrte de Roma a saber lá o mais encubertamente que podesse, que era o que o Papa e cardeaes lá diziam d'elle por estas cousas que fazia. E o escudeiro partiu e andou de tal pressa, que chegou primeiro que o cardeal. A cabo de dias escreveu este escudeiro a el-rei D. Afonso uma carta que elle mostrou e fez lêr a esses do seu conselho, na qual dizia que quando o cardeal chegára de Portugal, e o Papa soubera como ia, lhe perguntou como passára com el rei D. Afonso; e o cardeal lhe contou como lhe acontecera com elle e como lhe ficára de lhe enviar a letra acima dita. O Papa lhe reprehendera muito por isto, dizendo que tal cousa como aquella lhe não pertencia, sómente á Sé Apostolica, nem era dado a elle nem a outro nenhum prometter nem ficar por tal caso. — Senhor Santo Padre, disse o cardeal, eu não digo letra, mas se a cadeira de S. Pedro fôra minha eu lh'a deixára e déra de boamente por escapar de suas mãos que se vós visseis sobre vós um cavalleiro tão forte e tão espantoso como elle é, ter-vos uma mão no cabecão e outra alçada para vos cortar a cabeça, e o seu cavallo não menos alvorçado, ora com uma mão, ora com outra cavando a terra, parecendo que já me fazia a cova, vos déreis a letra e o Papado por escarpardes da morte e portanto me não deveis culpar. — Então lhe outorgou o Papa a letra na maneira que o cardeal quiz, e mandou a el-rei antes dos quatro mezes. E el-rei lhe mandou seu sobrinho mui honradamente como cumpria dando lhe muito. E por causa d'isto foi depois este cardeal sempre tanto amigo de el-rei D. Afonso, que todas as cousas que elle havia mister da côrte lh'as fazia e acabava com o Papa.

E fez el-rei D. Afonso emquanto viveu arcebispos e bispos em sua terra quaes elle quiz; e a carta que lhe enviou o seu escudeiro mandou ao seu escrivão que assentasse e escrevesse no Livro das Historias.

Ora torna a historia a el-rei Ismor que veio a tomar Leiria.

Manuel M. Rodrigues.

## AS NARCEJAS

UMA CAÇADA PRINCIPESCA

— Isto, ás vezes, é suggestivo — dizia-me, ha dias, um amigo, a quem estava mostrando a minha colleção de gravuras.

Tinha razão o meu amigo. Uma d'essas gravuras — tirada da *Chasse illustrée* de 1867 — e que está diante de mim, traz-me viva a lembrança, com todos os seus episodios, uma das melhores

caçadas que fiz, e que todavia, por um acaso, não se transformou em tragedia para tres dos que n'ella tiveram parte. Tem, portanto, para mim um encanto extraordinario — o encanto das recordações, da saudade...

E' um desenho de Rfou, apenas regular, e não é pelo seu merecimento, que eu sinto prazer em a ver, não é por isso; é porque, sendo uma pura phantasia do artista francez, os caçadores que n'ella figuram são quasi retratos de quatro de nós — os companheiros e amigos que, um dia, fomos atirar ás narcejas, nos arrozaes de Val de Zebro.

Este aqui, no primeiro plano, é Bulhão Pato, visto de costas. Todo inteiro, como se costuma dizer — um prodigio de semelhança. A sua figura, os seus cabellos longos, debaixo d'um chapéu de feltro, de abas largas, exactamente como o que elle trazia, a sua tunica de belbutina franceza, e as botas altas. Attentando n'elle parece que, da parte do artista, houve a intenção de o retratar. A esquerda do illustre poeta, mais afastado, este mais alto e encorpado e com a barba toda, dá-me o contorno, o perfil athletico de Lopes Cabral — o principe — como nós lhe chamavamos. Pernalto e braci longo, está parado, prompto a fuzillar as narcejas, e a dobrar os tiros, como se atirasse a codornizes. Estou a vel-o com o seu casaco de linho, o seu chapéu de palha, veterano de cem campanhas, e as altas botas francezas, forradas de gatta-percha, com que elle se sentia capaz de afrontar todos os charcos e lameiros, e as proprias torrentes do diluvio!

Além, mais longe, está um com a cabeça muito de escorço, mas que tem a corporatura do meu amigo Jayme Bramão, e finalmente o ultimo, o quarto, que vae atravessando o campo, ao fundo, voltando se para os companheiros, sem grande esforço parece se muito com o que eu era então, com os meus trinta annos.

Ao pé de Bulhão Pato, á esquerda, aquelle elegante *pointer*, branco malhado, é a minha cadella — a *Joia* — nome com que eu a baptisei, e que ella mereceu, sem favor; porque, salvo o respeito devido a todas as *espadas* que tenho visto trabalhar no campo e no pinhal, e não tem sido poucas, nunca tive nem vi jámais animal mais fino e bello de formas, mais elegante no caçar, mais firme nas mostras, e que melhor trouxesse, intacta e limpa, á mão do caçador, uma codorniz, uma perdiz, ou uma gallinhola!

— É fina como uma duqueza! — disse-me um dia um companheiro entusiasmado, attentando nas extremidades longas, e nervosas da minha perdigueira, e no garbo e subtileza com que ella pisava o terreno.

Que as duquezas perdoem a comparação ao meu amigo, que tambem era fidalgo.

Pobre *Joia*! Quem me dera voltar aos dias em que caçavamos juntos...

O leitor, se pertence á grande irmandade de St.º Huberto, desculpa estes sentimentalismos retrospectivos, e desculpa-os, porque os comprehende. Dos cães, como dos amigos, pode-se dizer que ha alguns que deixam no nosso espirito uma imagem, uma impressão indelevel, e complexa, porque é suggestiva de muitas saudades... Tambem temos lagrimas para elles, quando os perdemos.

A *Joia* foi o primeiro e o melhor de todos os meus perdigueiros.

Antes de chegar aos terrenos onde iamós caçar, atravessámos aquelles meandros do Tejo, que vam dar a Val de Zebro. A um e outro lado as margens lodacentas, cobertas d'uma relvazinha, d'um verde escuro, encobrem, sob essa apparencia innocente, o perigo, ás vezes mortal, para os que se arriscam a pôr-lhe o pé. Um abysmo de lama, um sorvedouro, d'onde é quasi impossivel arrancar-se, sem auxilio extranho, quem teve a infelicidade de n'elle cair!

Is romper a manhã, quando entrámos no caneiro. Contavamos encontrar patos, e não nos enganámos: lá estavam. A meio caminho uma mancha escura, d'onde se destacavam duas sentinellas, de cabeça erguida, de olho á mira, fez-nos engatilhar, silenciosa e rapidamente, as espingardas, apesar do frio que nos entorpecia os dedos. Ao mesmo tempo sopeavamos com o gesto o João Lourenço, que, passando para a prôa do nosso catraio, se preparava para lhes dar a saudação matinal. N'este momento solemne continham-se as respirações, encurtavam-se as remadas, para evitar quanto possivel o ruido, e avançavamos lenta e silenciosamente, sobre a mancha, immovel na superficie da agua. De repente o João metteu a arma á cara.

— O' João, não atire. Por Deus, não atire... Ainda estão longe.

Elle — um veterano — esquecendo-se de que a prudencia tambem é necessaria aos caçadores, avaliando mal a distancia, e não podendo resistir ao desejo de ser o primeiro a estrear-se, atirou. O chumbo deu na agua, dois ou tres metros para cá, e a bandada levantou o vôo, dispersando-se intacta no ar. Uma descarga geral, mas não caiu nem um! Tinham a pelle rija, e guardaram a carne para outros caçadores.

E para mais castigo nosso, logo adeante levantou-se outra, maior ainda, que ali estava encoberta por uma curva do caneiro, e que nos achou já com as armas descarregadas! N'aquella madrugada os patos fomos nós.

A falta de prudencia recorreremos á resignação, appellámos para St.º Huberto e para as narcejas, e seguimos ávante.

Os palmipedes libravam-se nas alturas, a cem metros, e pareciam-nos os seus bandos redes triangulares de cruzinhas, desdobradas no espaço, e levadas pelo vento...

— Um extraviado! — gritou um dos nossos companheiros, que vinha n'uma das chatas, que o Manuel da Charneca tinha ali á nossa disposição.

Lopes Cabral, que dirigia a caçada, fazia as coisas em grande, e pozera á nossa disposição quatro botes sem quilha, para andarmos mais livremente n'aquellas aguas de pouco fundo.

Era um pato que vinha de peito para nós. Ouviu-se um tiro, e elle volteou de cabeça, e caiu n'uma das margens lodosas. Ir lá buscá-lo, era arriscado. Ainda assim um dos barqueiros, moço e leve, atreveu-se a saltar, mas a pouco trecho estava empêgado até á barriga, e

ir ávante não se atreve l...

— Os cães do Cabral!... disse-o que tinha atirado, e que não queria perder a sua preza.

Alguns protestaram; eu fui um d'elles. Não valia a pena arriscar um animal d'aquelles por causa d'um pato, porque se o cão não podesse livrar-se do lodo, ninguem o ia lá buscar. Cabral, sempre amavel para os seus companheiros, a despeito do perigo, mandou saltar á agua o seu *Prompto*.

O *Prompto* obedeceu, e atirou-se logo ao charco. Era um animal já velho, encanecido no serviço — cobrar o ferido na caça d'agua fôra sempre a sua especialidade — e n'isto era de primeira ordem. O animo tinha-o o mesmo, as forças é que lhe escasseavam, e quando o vimos desaparecer n'uma dobra do terreno, ficámos todos com os olhos fixos n'aquelle ponto, com a respiração suspensa, como se estivesse ali correndo perigo a vida d'um homem!... Decorreram uns instantes, que nos pareceram horas, até que, finalmente, vimos surgir a cabeça do brave animal, muito afrontado, com o pato na bocca, parando a cada passo, e fazendo grandes esforços para se desencravar do lodo em que se enterrava.

— Bravo! Bravo! *Prompto!* gritámos todos a um tempo.

Foi uma festa. Não o abraçámos, porque vinha muito sujo — todo elle era lama — mas n'esse dia foram para elle os melhores bocados.

E foi esta a sua ultima proeza.

Estavamos finalmente chegados aos alagamentos, aos arrozaes de Coina. Repartiram-se os logares, e principiou a caçada.

As narcejas saltavam ás quatro, e ás seis, espirravam, por assim dizer, de todos os lados: o tiroteio tornou-se geral, ás vezes parecia um fogo de filas, bem sustentado. Nunca ouvi tanto tiro, nem vi tanta narceja no ar! O *Prompto* não parava, andava n'uma roda viva.

— Por aqui, *Prompto* — dizia o Cabral, que acabava de dobrar os tiros.

— O Cabral, — gritava, lá de longe, Bulhão Pato — manda cá o *Prompto*. Está aqui uma que não se acha.

E *Prompto* cá, e *Prompto* lá, e todos os cães no arrozal, e as narcejas a saltar, e a cair! Era a desforra dos patos. Não andavam só os cães na lama, eu tambem, ao saltar uma aberta, não calculei bem a distancia, caí-lhe dentro, e ficámos todos sabendo que ella não estava positivamente cheia de agua de Colonia. Valeram-me um pouco um ceifões de pelle de cabra, que enviei logo para as bagagens, para serem desinfectados. Uma peste!

N'isto um grito, uma exclamação.

— Um pato!

O marrequinho passou ao alcance do Bulhão, e elle fel-o descer com um tiro de rei, alto, magnifico.

— Agora somos dois — disse o poeta, mettendo o na sacca — mas este é mudo, e não faz versos.

O sol ia subindo: eram horas de almoçar.

O nosso pavilhão de caça, n'aquelles sitios, era a casa da sr.<sup>a</sup> Luzia.

Entre os convivas havia medicos, litteratos, artistas, e entre estes o pintor Cosselli, marido d'uma das famosas Marchisios — que tambem era amador de caça. Ninguem faltou ao emprazamento, e á hora marcada todos estavam reunidos no logarejo, em frente da modesta *venda*, ao ar livre, á sombra d'um velho palacio em ruinas, d'onde as sessões implacaveis tinham afugentado para sempre os nobres habitadores.

Estavamos nós contemplando uns animaes heraldicos — uns ursos muito feios — que se ameaçavam atravez d'um brazão, que procuravamos decifrar, quando nos appareceu o Manoel da Charneca — caçador da Amora — acompanhado d'outro, para nós desconhecido, e que nos chamou desde logo a attenção.

Era um homem de trinta annos feitos, robusto, trigueiro, cõr de azeitona, nariz aquilino, cabello e barba preta e revolta, olhos escuros, muito redondos, com a pupilla a descoberto — olhos d'animal de rapina. Trajava jaleco e calças de saragoça, com applicações de panno d'outras côres. Phy-



FR. JOÃO BOTO PIMENTEL.

RETRATO COMPOSTO SOBRE A ESTATUA TUMULAR



TUMULO DE FR. JOÃO BOTO PIMENTEL  
NA EGREJA DE S. SEBASTIÃO DA ESPEÇANDEIRA

(Desenhos do sr. J. Christino da Silva)

sionomia e trajo não eram dos homens d'aquelles sitios. Pareceu-me logo um cigano. Era-o effectivamente, e legitimo.

Manoel Candido, interrogado por Lopes Cabral sobre a identidade do seu companheiro, affiançou-o.

— E' meu compadre, e andamos a caçar juntos ha quinze dias. Não ha de haver novidade, sr. Cabral. Fico por elle: esteja o senhor descansado.

Cabral, como todos os homens prudentes e praticos, não gostava de caçar na companhia de individuos, cujos habitos e prendas elle desconhecia.

— Pois bem, seja assim, mas tenha-o vossê lá comsigo, porque nós cá não o conhecemos. E, caminhando para nós, disse-nos, com uma certa visagem e um meneiar de cabeça, que elle tinha quando as coisas não lhe corriam bem:

— Basta de heraldica e de ciganos! Vamos ao almoço.

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.



Recebemos e agradecemos:

Arte e Artistas Contemporaneos, Ribeiro Arthur. Lisboa, Livraria Ferin — MDCCC, XCVI.

O grosso volume, impresso nitidamente em magnifico papel e graciosamente illustrado, que tem o titulo acima, é um trabalho interessante e agradavel.

O prefacio de Fialho de Almeida e as illustrações de Casanova e Ramalho são na verdade dignos do livro que adornam.

Ribeiro Arthur o illustre auctor da presente obra, reuniu n'este volume alguns artigos seus, publicados em diversas epochas e em varios jornaes, no intuito de render mais uma homenagem aos distinctos artistas que os inspiraram. Homenagem que é bem digna do auctor e dos artistas a quem se dirige. Pena é, que nem todos os artistas nossos contemporaneos, igualmente merecedores d'essa homenagem, a recebessem. Isto indica simplesmente escassez de espaço, porquanto o sr. Ribeiro Arthur é um admirador intelligente, que pelo secerdocio da arte tem a maior veneração.

Limitou, o sr. Ribeiro Arthur, a arte portugueza contemporanea simplesmente a alguns pintores de quadros, dois aguarelistas e a dois esculptores, esquecendo imperdoavelmente os pintores decoradores que os temos notabilissimos como Pereira Junior e outros; os scenographos, como Julio Machado; os gravadores, como por exemplo, Diogo Netto, artista distincto em toda a parte do mundo; os esculptores em madeira como Leandro Braga; modeladores de louça artistica como Raphael Bordallo Pinheiro; cinzeladores como Zacharias Costa, etc. etc.; todos bem conhecidos e de reputação incontestada.

E' verdade, que attribuímos ao presente trabalhos um intuito que decerto o seu auctor por modestia não visou; queremos dizer: como resenha actual, onde systematicamente as biographias dos artistas possam mais tarde servir de subsidios importantes aos historiadores artisticos.

Em todas as epochas tem havido Plutarchos. Na renascença Vasari e outros escrevem deliciosas memorias acerca dos grandes artistas seus contemporaneos. Em Portugal, ha além de varios estudos modernos de restituição historico-artistica, memorias antigas, como as de Taborda, Cyrillo Machado, etc., etc.

Agradecemos penhoradissimos a gentil offerta do auctor do presente volume e esperamos que o exito do interessante livro *Arte e Artistas Contemporaneos* suggira outros trabalhos que o completem e lhe façam realçar o merecimento.

## ALMAMACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1897

Está no prélo e acceitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se d'esde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 26